

Caros leitores,

Com imenso prazer apresentamos o primeiro volume de nossa revista de Filosofia. Os textos editados são ecléticos e não obedecem apenas a um período ou particularidade da história da filosofia, de fato, a nossa intenção é oferecer à comunidade filosófica um espaço para compartilhar suas pesquisas e, por sua vez, difundir o conhecimento filosófico. Ao editar os textos dos diferentes autores e suas abordagens temáticas, nos deparamos com a sensação de que estamos a compor uma urdidura de fios que se encontram e desencontram na tessitura dos diversos problemas filosóficos. Nesse contexto, há um desejo implícito descrito na própria criação da revista, provocar em cada leitor(a) variadas possibilidades de reflexão, no sentido de suscitar questionamentos diante da inautenticidade da existência humana, interpelando sua maneira de existir no mundo, na relação consigo mesmo e com os outros.

Araripe é uma revista eletrônica com a intenção de realizar publicações semestrais pelo Curso de Filosofia da Universidade Federal do Cariri - UFCA. O nome que deu origem ao periódico é um vocábulo do idioma *tupi-guarani*, que significa, “o lugar onde o dia começa”. O nome pretende designar para a filosofia uma metáfora, cujo “lugar onde o dia começa” deve ser resplandecente de luz, em analogia ao conhecimento filosófico que deve lançar luzes e ampliar nossa visão de mundo, desvelando-o e tornando a realidade mais plena. O começo é sempre representado pelo ponto de partida, assim é a tarefa da filosofia no mundo, o lugar onde surge a reflexão, o ponto de partida que tampouco poderá chegar a lugar nenhum, mas nos impulsiona a caminhar sempre. No caminho há sempre a possibilidades de superação. Nas metáforas de Platão descritas no Livro VII da *República*, observa-se que os homens ao caminhar em direção à luz, isto é, à filosofia, os conceitos mentais, tais como o bem, a justiça e a verdade se tornam, eles mesmos, os objetos luminosos. Torna-se relevante salientar que já antes, no Livro VI, Platão descreve a ideia de bem em analogia à luz do sol, fazendo a descrição metafísica recair sobre a ideia do Bem, homônima da Justiça e da Verdade, portanto, o sol é o seu análogo visível. Assim como a luz do sol torna visíveis os objetos materiais no cotidiano, a luz da filosofia torna as Formas inteligíveis, isto é, visíveis ao olho da mente. Nas metáforas descritas desde o Livro V ao VII da *República*, Platão utiliza o recurso dialético para demonstrar

o contraste entre a opacidade do conhecimento aparente dos homens que viviam nas sombras em contraste com o mundo real e perfeito das Formas pela analogia do sol. Os homens presos na caverna podem ver somente as sombras projetadas nas paredes pelo reflexo da luz, do dia que começa, sobre os objetos que passam pelo lado de fora. Com efeito, a filosofia representa o percurso dialético necessário para que esses homens pudessem passar, gradualmente, da completa obscuridade para a luz radiante, que permitiria o conhecimento amplo e verdadeiro da realidade. A filosofia simbolizada na metáfora da luz do dia que começa, pretende iluminar o destino da humanidade e assim os conceitos de Verdade, a Justiça e o Bem tomam o lugar da própria luz.

Somos atraídos pela luz da filosofia e por um imenso amor ao saber, isto é, a filosofia. A expressão elementar, “amor pela sabedoria” foi cunhada por Pitágoras (século VI^a C.) quando admirado por sua eloquência, não se reconhecia como sábio, mas apenas como amante da sabedoria, isto é, o filósofo. O destaque está na maneira de viver do filósofo, pois enquanto na vida humana alguns buscam aplausos, outros buscam riqueza, o filósofo busca incessantemente o conhecimento. Assim, teria dito Pitágoras: “Nós viemos à existência como se vai a uma grande feira, alguns como escravos da fama, uns ambiciosos de lucros, e outros ávidos de sabedoria. A estes últimos, mais raros, chamamos filósofos.”

A nossa tarefa no mundo é difundir o conhecimento, isso não significa apenas formular ou interpretar sofisticados sistemas filosóficos, tornando a filosofia um discurso lógico sem nenhuma interlocução com o modo de viver concreto das pessoas no cotidiano, pois na expressão de Kant, isso caracterizaria o filósofo, como o artista da razão, interessado apenas em fazer abstrações especulativas. A propósito, PIERRE HADOT (1922), na obra, *o que é filosofia Antiga?*, atento ao fazer filosófico dos antigos observa que a filosofia na cultura helênica estava atrelada, sobremaneira, à figura do sábio e à percepção estética do mundo natural, caracterizado por “um tipo de modelo da percepção filosófica, um modelo da conversão da atenção e da transformação da percepção habitual que o exercício da sabedoria exige de nós”, Conforme Hadot, a norma da sabedoria pode e deve realizar uma transformação da relação entre o eu e o mundo, graças a uma mutação interior, graças a uma mudança total da maneira de ver e de viver”.

Os escritos de Pierre Hadot, nos fornecem instrumentos para apreender as possibilidades existenciais da percepção estética e nos apropriarmos de uma certa visão estética como meio para reaprender a ver o mundo. Na concepção desse autor, o fazer filosofia não se resume apenas no ensino, na demonstração de uma teoria abstrata, muito menos na rigorosa exegese canônica de textos e manuscritos, mas, sobretudo, a filosofia deve proporcionar a arte de viver bem, do cuidado de si, numa

atitude autêntica diante da vida que se determina, age e enfrenta os desencantos da existência efetiva. Nessa configuração o fazer filosófico não se situa somente na base epistemológica, isto é, no campo da teoria do conhecimento, mas também na ordem do eu, do agir e do ser: É uma conversão que subverte toda a vida, que muda o ser daquele que a realiza. Ainda conforme Pierre Hadot, a filosofia nos faz passar de um estado de vida inautêntico, obscurecido pela inconsciência, corrompido pela preocupação, para um estado de vida autêntico, no qual o homem atinge a consciência de si, a visão mais plena do mundo, da paz e da liberdade interior.

A carga semântica da expressão “amor pela sabedoria”, aos olhos dos antigos, bastava-lhes para exprimir essa concepção de filosofia como atividade contemplativa ou, como escreve Pierre Hadot, a filosofia como meditação ou “exercícios espirituais”. O amor à sabedoria nesse contexto grego é mais que uma disciplina ou uma iniciação aos mistérios sagrados transmitidos pela tradição dos Oráculos, mas assume a realidade estética, da educação dos sentidos, da evocação da memória, da percepção dos ritmos da alma, da instrumentalização da razão, ou seja, da educação integral do homem. A descrição mais idealista lê-se no Diálogo *O Banquete*, onde o amor à filosofia aparece em analogia ao desejo fecundo que a alma possui para contemplar o belo, isto é, nas palavras de Sócrates, o amor como fecundidade ou desejo de procriação no belo (*Banquete*, 208e, 209b). A filosofia nos conduz ao belo absoluto, ao divino, na forma de descrição mítica grega, o amor não é um deus, mas um *daímon* intermediário entre Deus e os homens. Na verdade, o amor é sem dúvida uma força que nos move para além de si, sempre impulsionado pelo desejo do belo e, como tal, é desejo de todo bem e de toda felicidade, a luz que alumia nosso dias.

Esta compreensão da filosofia como autêntico amor pela sabedoria está bem reproduzida nos textos editados no primeiro volume de nossa revista *Araripe*, os quais tratam de problemas reais de nossa existência concreta, a saber, a manifestação dos atos da consciência, os anseios de felicidade e justiça, a construção da sexualidade humana, o nosso agir moral diante das intempéries da vida cotidiana, escritos por pesquisadores comprometidos com o amor à sabedoria, portanto, a todos a nossa imensa gratidão pela colaboração com a revista *Araripe*. Agradecimentos se estendem aos colaboradores da revista *Araripe*, aos autores, a equipe editorial e ao Curso de Filosofia da Universidade Federal do Cariri que, apoiado pela Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação, conseguiu difundir mais um produto de qualidade para a comunidade universitária do Cariri e para todos os amantes da sabedoria.

Prof. Dr. Nilo César Batista da Silva
Universidade Federal do Cariri (UFCA)
Editor